

## **Ave, cagaitas!**

Elson Dias de Oliveira<sup>1</sup>

Na beira do rio das Velhas, quase perto do vilarejo do Guaicuí. Pois é..., a gente morava lá. Família grande: papai e mamãe e, além de mim, quatro irmãos mais novos. Eu tinha já quatorze anos – idade pra criar juízo, meu pai dizia –, mas virar gente grande era contrariar o meu querer, negócio mesmo muito além, nos depois. Pensava só no agora, em gastar os viveres infantilmente. Afamado, com fama de fugir facilmente de casa e da presença dos meus pais, apelido meu era Piaba, de muito escorregadio, rápido e rasteiro, pra poder fazer molecagem, dando combate em tudo quanto há.

Certa vez, cismeí de querer fugir da reza, pra roubar cagaitas no terreno de dona Fulô. Eu tava que não aguentava mais passar e avistar, ao longe, aquela fartura de bolotas amarelinhas, acolá, do outro lado da cerca. A tentação – encravada! – fazendo figa. Cruel demais ficar só tapeando a vontade. Ah, pois não tinha mais jeito: queria porque queria prová-las, saboreá-las ao bel-prazer. Sem contar que – confesso – eu já tava quase que enjoando de tanta garapa de cana, tijolo, melado, puxa e rapadura, que era o que mais tinha e se fazia, de fabricação, lá em casa. Queria o doce-azedo diferenciado das cagaitas, que se fazem de difíceis – com elas não tem negócio de temporão, não! – dando só uma vez por ano.

Todo santo domingo, depois do almoço, rumávamos em direção ao culto, lá na igreja da comunidade. Aí, durante aquela semana, combinei tudo com o Kinkas, meu primo carnal, pau-pra-toda-obra. Ele também delirava de vontade de chupar as danadinhas. Ansiedade nossa era mato, capim-gordura meloso e esparramado. Tínhamos que esperar alguns dias pela fuga. Prenhez: domingo custando nascer. Demora eterna, igual no terço da reza: é de século-seclórum-amém.

— Adulto só se gaba, mas é meio jacu: absurdo ter seis dias pra trabalhar e só um pra descansar. Podiam ter inventado só mais um domingo, no meio da semana. Aí, também, não tardaríamos a chupar nossas cagaitas – ajuizei conversa com o Kinkas.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior do Brasil. Graduando em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. E-mail: elsonrpm@yahoo.com.br

— Tanto tanto que eu quero, Piá, tomar o caldo daquelas frutinhas, que se fosse hoje eu ia correndo. E, fora lá, tá difícil achar delas por essas bandas. Nem tem noutros lugares mais pertos, só em altos morros, lá nas cabeceiras do rio – completou o primo.

No domingo da fuga, pelo menos, ninguém teria que trabucar no engenho, aturando a joça da bolandeira, que dá até tonteiras de tanto rodar, e tachos de rapadura quente, razão de queimaduras. Isso já era boa coisa, certo alívio aliviando.

Alembro que, na véspera, um louva-a-deus pousou dentro do meu quarto. Aí, pensei: “esse bichinho dá sorte!”. Esprevitado, demorei pegar no sono. Um mexe-remexe: desinquieteza de pensamento, que futurava para o dia seguinte. Despertei de manhã pensando mais, mais, mais ainda, com a boca salivando sabor de cagaitas, das quase alaranjadas de tão maduras e suculentas.

Depois do almoço, uma ansiedade ainda mais forte, com mistura de contentamento. A renca toda se aprontava pra reza, pro social, vestindo as domingueiras roupas. Antes da saída, teve um cafezinho, com biscoitão chimango, requeijão e brevidade; as quitandas... sustança. Mastiguei pouco, quase que só engoli só, tamanha vontade de sair correndo.

— Piaba, esgueirado, que danura é essa? Sossega senão a comida vai descer pras pernas! – mamãe caçoou, reprovando a pressa.

Partimos de charrete, num sol padraço de quente. Família inteira, rumo à igreja do Bom Jesus dos Matozinhos, no povoado do Guaicuí. Atravessamos algumas áreas de mata nativa e alguns carregadores de eucalipto, esse monstro que embebe os rios e mata as nascentes. Eram mares de calipada, mas eu imaginando – num encantamento! – só via cagaiteiras, gigantes e majestosas, quase que falando meu nome e acenando pra mim.

Chegamos no vilarejo. O sino da capela badalava apressado, noticiando o início da reza. Logo avistei o Kinkas e pisquei pra ele, que retribuiu com esperteza. Não nos aproximamos um do outro, pra não dar nem motivo... Já tava tudo combinado: sair na hora das ofertas e regressar antes do amém-final. Na volta, eu falaria pros meus pais que fiquei sentado na escadinha, ao lado do altar, ou noutro canto da igreja; arrumaria uma desculpa.

Causa da igreja cheia, escapulir foi mamão-com-açúcar. No certo momento, pedi meu pai que me deixasse colocar o dinheiro no balaio das ofertas. Enfiei-me na fila, ponhei as moedas e, rudiando pela outra porta, vazei na braquiara. O Kinkas nem precisou dessas

manhas de artes, saiu foi na tóra mesmo. Seus pais afrouxavam as rédeas fácil fácil, quase que nem se importavam, fazendo vista grossa.

Aí fomos, na carreira, passando numa pinguela estreita, num raio de légua e meia no sentido da Cachoeira das Andorinhas. A chácara ficava do outro lado. Carrapicho-picão grudou adoidado nas pernas das calças. Tínhamos, finalmente, que pular uma cerca velha de pau-a-pique, que demarcava o quintalão de dona Fulô. Eu subi primeiro, e o Kinkas demorava achar o jeito de trepar. No que voltei, e dei pezinho pra ele subir – no digitório! –, notei que as toras de madeira lascada tavam meio fracas, de tão podres. E vi, também, que começava a formar chuva:

— Kinkas de Deus, a cerca, será que ela aguenta? Tá quase caindo de podre. E ainda parece que vai cair um toró. Num vai? Arrepare pro cê vê, lá nos cantos do morro.

— Uma óva! Cê é um bananão, Piá. Querendo mijar pra trás? Já viemos até aqui. Vamos voltar não, vai dá tempo!

Desejo foi maior, fortemente. Pulamos. A cerca aguentou, rangendo de fraqueza. Mas nenhuma viva alma por perto. Ah, os prazeres, alegrias... momentos: a cagaiteira tava pinhada, tremeluzindo de tão carregadinha. É uma bela árvore, altiva, de casca grossa, com folhas verdes brilhantes. Toda-toda. Eita! Maravilhei. Debaixo do pé também tava forrado de cagaitas, mas é perigoso fazer mal se comer das do chão. Então arrumei uma vara, e cutucava. Aí elas caíam no capim. Cada bitela! Algumas até rachavam – as mais graúdas! –, de modo que não aguentavam o bate. Eram tantas, mas tantas, que davam pra encher vários bornais. Só chupamos lá mesmo, muitas e muitas, e eu mais do que o Kinkas – que só gostava das de-vez. A maciez das cascas, de tão agradável, me contentava, aumentando o prazer de tocá-las, de estourá-las no céu da boca.

Só que, desconforme, Deus dá a farinha e o Diabo fura o saco. Clareio: no retorno, Kinkas pulou a cerca, de boa, mas na minha vez um pau caiu derrubado. Em razão do barulho, um cachorro ladrou acolá, pros lados da casa. Cão lazarento dos diabos! Sacrifício nosso foi o corre-corre; torando capim alto nos peitos; tropicando em pés de ora-pro-nóbis, só espinhos... Perna, pra que te quero!

Aí, tapeamos o vira-lata, ficamos livres dele. Mas o pesadelo maior, tão-só meu, ficou sendo as cagaitas – elas próprias! Quer dizer: o caldinho meio morno de quente, que chupei

no calor da tarde. Enfarei! Pois é..., fermentou na minha barriga empanzinada, em desarranjos. Tristeza! A soltura foi no bamburral, perto da beirada do rio; dava dores. E, de tanto que demorava, esmoreci. Ah! Fugir do fumo, cair nas brasas.

Ao que, chegamos na pracinha do vilarejo, mas a reza já havia terminado. Tanta peleja pra nada. Nossos pais – ervados de tão aflitos – nos procuravam. Que desgosto! E eu tremia igual vara verde. Mas o curioso foi que, em antes, eu tinha só medo de apanhar, sabendo que esqueceria logo logo; tão diverso, naquele dia, meu sentimento foi de um medo-vergonhoso. Nem entendi isso, só depois.

Sei que o Kinkas levou um sermãozinho, apenas. E eu? Currião nosso de cada dia nos dai hoje, derradeiramente: fedegoso. Cipó demoníaco! Inimigo das renações e divertimentos. Na maioria das vezes doía só na hora, nos assopros, depois sarava, deslembra. Mas, dessa vez doeu mais forte, e ficou doendo dias a fora uma dor n'alma, num quase sem-fim. Tenho raiva não, hoje entendo, os mereceres...

Naquele domingo, eu me expurguei das fugas e dos meus pecados infantis todos. Já era hora obrigada: alimpar as campinas férteis da inocência. Refazer. O tempo segue se cortando, e judiando de quem se apega... Judiou de mim com muita cipoada e calombos. Tempestade me amparou e chorou junto, relampeando; duas vezes lágrimas, ao romper daquela tarde de rompimento. Taturana-verde encasulava, sinais... mariposa vinha. Veneno diminui, acaba?